

O quarto livro de Propércio

WILLIAMS SHI CHENG LI

O livro IV das Elegias representa obra da maturidade de Propércio e contém algumas de suas elegias mais conhecidas e estudadas.

Várias são as opiniões dos críticos a respeito desse livro: P. Grimal vê nele uma apologia a Augusto e ao seu programa político,¹ e H. Bardon fá-lo uma obra de propaganda do regime, e, de Propércio, o “porta-voz poético do Imperador”.²

Uma característica, contudo, é constante na maioria das interpretações: elas salientam o caráter nacionalista e romano do livro IV em contraposição à poesia amorosa dos três primeiros livros.³

Essa visão tradicional, que efetua uma divisão talvez um tanto simplista da obra de Propércio, foi criticada por J. B. Boucher num recente estudo sobre sua obra.⁴ Sua crítica baseia-se em dois pon-

1. Nos vários estudos que Grimal dedicou às elegias do livro IV (dois artigos na R.E.L.: *La Composition de l'Élégie à Vertumne e César et la Légende de Tarpéia*, mais referências a IV,6; 7; 9; 10; 11 em *Le Lyrisme à Rome* e a IV,3; 4; 6; 11 em *Le Siècle D'Auguste*) ele procura sempre salientar as intenções políticas e apologéticas de Propércio. Não tivemos em mãos seu estudo específico sobre as elegias do livro IV (*Les intentions de Propertius et la Composition du livre IV des Élégies*) mas pela resenha de Boyancé podemos afirmar que sua preocupação maior é explicá-las em função da política augusteana.

2. «Quand Virgile mourut, il était le porte-parole poétique d'Auguste; rôle que fut repris par un jeune homme que ses débuts semblaient orienter dans une voie différente: Propertius.» (p. 75) «Ainsi, le livre IV des Élégies est la transposition poétique des *Res Gestae*: oeuvre de propagande, écrite avec sincérité, mais voulue par Auguste.» (p. 78).

3. ROSE, *A Handbook of Latin Literature*, p. 293.

4. J. P. BOUCHER, *Études sur Propertius*.

tos: a) não só encontramos peças de inspiração nacionalista nos três primeiros livros,⁵ b) como também constatamos a presença de sua "musa erótica" neste último livro.

Com efeito, o nacionalismo é uma característica que marca toda a obra de Propércio. Já no *Cynthia Monobiblos* ele se faz sentir pela alusão às guerras civis (I,21) e por sua espontânea exaltação da terra natal, que traduz um sentimento patriótico e romano (I,22). No decorrer dos livros II e III esse sentimento, sem dúvida impulsionado pela amizade de Mecenas, toma livre curso e se traduz por uma série de elegias que exprimem diversos aspectos da temática nacionalista: a exaltação do imperialismo romano (II,10; 14; III,4; 11), o elogio de Augusto (II,31; III,4; 5), a lembrança das guerras civis (II,1; 5), e a crítica dos costumes (I,2; III,5; 7; 13; etc.).

Portanto, se encontrarmos no livro IV peças de inspiração nacionalista, trata-se mais da continuação de uma temática que Propércio começara a abordar já no livro I, e que se desenvolve grandemente nos dois livros seguintes.

Por outro lado, a poesia amorosa não deixa de estar presente no livro IV. Basta recordarmos as duas elegias dedicadas a Cíntia (IV,7 e IV,8), a comovente carta de Aretusa (IV,3), as invectivas furiosas contra Acanthis (IV,5), e o melancólico "Epicédio de Cornélia" (IV,11) para que fiquemos convencidos da importância da temática amorosa neste livro.

Dualidade de inspiração

Com efeito, parece-nos que a intenção de Propércio neste livro IV foi a de compor uma coleção onde se mesclassem peças de inspiração nacionalista e elegias amorosas: Propércio aqui encontra-se dividido entre duas fontes de inspiração, e disso resulta a dualidade temática que é, a nosso ver, a característica fundamental desse livro.

5. Boucher chega a declarar que o livro III é o mais rico em elementos patrióticos. Cf. p. 113.

Essa dualidade de inspiração reflete-se não só na estrutura do livro IV (pela alternância entre elegias nacionalistas e amorosas), mas também na própria composição das elegias. Assim, em poemas de temática predominantemente nacionalista, harmonizam-se o sentimento patriótico e a paixão amorosa (IV,4), bem como em elegias intimistas e amorosas inserem-se temas relativos ao sentimento de romanidade e deveres patrióticos (IV,3 e IV,11).

A elegia IV,1, que serve de prefácio à coleção, é um exemplo desse procedimento. Esta elegia, uma das mais interessantes de Propércio, marca os dois aspectos da arte poética contida no livro IV de maneira tão nítida, que vários estudiosos dividiram-na em duas. Com efeito, há uma brusca mudança temática a partir do verso 71: depois de anunciar que cantará "as solenidades, os feriados e os lugares antigos de Roma" (v.69), intervém o adivinho Horos e recorda a Propércio sua vocação para a poesia amorosa:

"At tu finge elegos, fallax opus; haec tua castra!
scribat ut exemplo cetera turba tuo." (v.135-6)

Não acreditamos, contudo, que este fato baste para considerarmos a elegia IV,1 como o resultado de uma falha por parte dos editores, tratando-se na verdade de duas composições distintas.⁶

Pelo contrário, acreditamos que foi intenção explícita de Propércio combinar os dois aspectos de sua temática nessa primeira elegia, de forma a anunciar a dualidade de inspiração que dominará a coleção, e assim introduzir o leitor no universo temático do livro IV.

Esse conflito entre duas fontes de inspiração é apresentado de maneira bem-humorada e jocosa nesta primeira elegia.

Propércio representa-se como o guia a um astrólogo que está visitando Roma, Horos, e narra-lhe algo da história dos lugares por onde passam. Declara afinal que dedicará seu talento para cantar as grandezas de Roma, mas o faz sem muita convicção, pois duvida de que sua arte se preste a temas patrióticos e grandiosos, e ri de si mesmo por esta sua tentativa:

6. Esta posição foi sustentada por D. A. KIDD num artigo publicado em *Greece & Rome*, 1979. Cf. Bibliografia.

“Moenia namque pio coner disponere versu:
ei mihi! quod nostro est parvus in ore sonus.
Sed tamen exiguo quodcumque e pectore rivi
fluxerit, hoc patriae serviet omne meae.”

(v.57-60)

Horos, porém, não se entusiasma com a idéia, e interpela bruscamente o poeta, advertindo-o de que só a contragosto sua lira se desviará da poesia amorosa:

“Quo ruis imprudens, vage, dicere fata, Properti?
non sunt a dextro condita fila colo.

Accersis lacrimas cantans, aversus Apollo:
poscis ab invita verba pigenda lyra.”

(v.71-4)

Após demonstrar suas habilidades de adivinho, mencionando diversos casos em que suas predições foram felizes, ele faz o horóscopo de Propércio e lhe diz que não será bem sucedido a não ser na poesia amorosa.

Apesar dos conselhos de seu amigo adivinho, Propércio se aventurará pelo terreno da poesia nacionalista no decorrer do livro IV, sem contudo deixar de cultivar o gênero que lhe é mais familiar.

No entanto, deve-se salientar que ambos os aspectos, nacionalismo e lírica amorosa, adquirem um sentido novo e revestem-se de características peculiares na maturidade de Propércio, o que faz com que o quarto livro de elegias se destaque do restante de sua obra.

Nacionalismo e Etiologia

Vimos que o nacionalismo assume vários aspectos na obra de Propércio: ele se expressa pelo sentimento da pátria, pela exaltação do imperialismo romano, pela lembrança das guerras civis, pelo elogio à figura do Imperador, e finalmente pela crítica dos costumes e a pregação da moralidade romana. No entanto, é im-

portante notar que, com exceção da elegia IV,6, que possui nítido caráter épico e de exaltação da pátria e da figura do Imperador, não encontramos esse tipo de nacionalismo nas elegias do livro IV.

O nacionalismo do Propércio desse livro nutre-se de um sentimento antiquário e arqueológico, não épico. Fiel à tradição dos "*poetae novi*", ele se considera um verdadeiro discípulo dos Alexandrinos e cultivava um gênero criado por estes: a poesia etiológica. Sentindo-se incapaz para se aventurar no terreno da grande poesia épico-narrativa, Propércio encontra na poesia etiológica a forma ideal para conciliar sua arte sutil e alusiva, seu gosto pelo detalhe e pelo preciosismo de linguagem com o sentimento de exaltação nacional que dominava na época de Augusto.

Com isso o nacionalismo encontra-se transfigurado em sua obra; na verdade não podemos conceber nada mais distante das elegias etiológicas de Propércio que a grande epopéia de Virgílio ou a imponente Historiografia de Lívio. Propércio não tratará dos grandes temas da história de Roma; seu gosto pelo exótico e pelo detalhe faz com que se interesse por episódios mal conhecidos da história de Roma primitiva (Tarpéia, Hércules e Bona Dea), divindades obscuras e curiosas (Vertumno), e lugares afastados e esquecidos (Templo de Júpiter Ferétrio).

O nacionalismo traduz-se assim por um sentimento antiquário, pelo prazer em desenterrar pequenos detalhes da história antiga e em revelar lugares esquecidos, mas nem por isso destituídos de significação para a história das origens da Cidade. O poeta é aqui um guia refinado e erudito, amante das velhas coisas e dos velhos lugares, que passeia o leitor pelos sítios da antiga Roma, narrando-lhe as lendas e tradições.

A Musa erudita já havia inspirado a outros poetas latinos, que cultivaram a poesia etiológica de tendência alexandrina. Ela está presente no Ovídio das *Metamorfozes* e dos *Fastos*, e mesmo em algumas peças de Catulo. Mas, em Propércio, essa poesia etiológica não vai mais se inspirar nas lendas gregas, mas exclusivamente na tradição romana.

Os poemas etiológicos do quarto livro são quatro: IV,2 (Vertumno), IV,4 (Tarpéia), IV,9 (Hércules e Bona Dea), e IV,10 (Júpiter Ferétrio).

IV,2 — A elegia consagrada ao deus Vertumno, de origem etrusca, é uma das mais originais. Trata-se de um longo epigrama escrito à maneira alexandrina, e carregado de jogos de palavras e mesmo de simbolismo místico-matemático.⁷ É curioso, como aponta Boucher,⁸ que Propércio não tenha voltado sua atenção para o templo do deus, situado sobre o Aventino, mas que tenha feito sua homenagem à velha estátua que ficava atrás do templo de Castor e Pollux. Lá, ela testemunhava a vida cotidiana dos romanos e o burburinho da cidade. É com certeza recordando-se dessa imagem que Propércio inicia a elegia fazendo a estátua interpelar jocosamente os passantes:

“Quid mirare meas tot in uno corpore formas?
Accipe Vertumni signa paterna dei.”
(v.1-2)

A elegia toda consiste numa longa fala da estátua a seus despreocupados ouvintes, onde lhes narra sua história e explica as diferentes etimologias de seu nome, devidas às várias capacidades que possui. Assim, ao iniciar a série de elegias etiológicas com uma peça dedicada a uma divindade etrusca, Propércio presta uma homenagem a uma cultura que teve grande papel na formação do espírito romano.

IV,4 — O próximo sítio que o poeta nos faz visitar é também significativo para a história dos primórdios de Roma. Trata-se da encosta do Capitolino denominada “*mons Tarpeius*”.

Esse sítio está relacionado com um episódio não muito glorioso para a história de Roma: a traição de Tarpéia. No entanto, P. Grimal⁹ nota que o episódio da traição de Tarpéia revela-se significativo para a história de Roma, pois foi devido a ele que Roma tornou-se uma nação dupla, sabina e romana, sendo portanto o episódio importante para a constituição do povo romano.

Mas o mais notável nessa elegia não é seu aspecto nacionalista, e sim o aspecto humano. Propércio retrata-nos uma Tarpéia dilacerada por sentimentos contraditórios — de um lado a fidelidade

7. Cf. o artigo de Grimal em R. E. L. (1945), p. 114-117.

8. op. cit. p. 147.

9. Cf. *Le Siècle d'Auguste*, p. 72.

à pátria e à deusa, de outro a paixão pelo rei inimigo — que acabarão por levá-la à morte. Entretanto, o sentimento nacional prevalece na elegia. Apesar de ter compreendido o conflito de sentimentos de Tarpéia e de tê-lo retratado convincentemente no grande monólogo central da elegia (v.31-86), Propércio não tem compaixão da jovem; sua morte é merecida por ter ela traído a pátria:

“haec, virgo, officiis dos erat apta tuis.”
(v.92)

É interessante também observar que a elegia narra a estória de uma dupla traição: não só Tarpéia trai sua cidade, como também Tátio trai a Tarpéia, quebrando a promessa que fizera. E somente por causa dessa dupla traição os sabinos acabaram por se unir aos romanos, constituindo um elemento importante na formação do povo romano.

O gosto pelo exótico e pelo detalhe, e a preocupação pela originalidade se fazem sentir também nas duas outras elegias do livro IV.

IV,9 — A estória da passagem de Hércules pelo Lácio, de sua luta com o gigante Caco e de seu encontro com Bona Dea também não é um episódio central na história de Roma. No entanto, ele é mencionado por Lívio e por Vergílio. Mas enquanto aqueles tomam como centro de interesse da narração a luta entre Hércules e o gigante, Propércio salienta os aspectos mais raros e até cômicos da lenda: a exagerada sede de Hércules, a discussão que tem com a velha sacerdotisa, e o lado pitoresco da fundação do Grande Altar — a interdição às mulheres como vingança às sacerdotisas que impediram sua entrada no recinto sagrado. Tudo isso contribui para tornar essa peça leve e bem humorada: Propércio procura assim distinguir-se propositadamente do tom grandiloquente e solene da narração vergiliana.

IV,10 — O templo de Júpiter Ferétrio era um antigo e minúsculo edifício, esquecido dos romanos da época de Augusto. A elegia que o celebra é, na composição e no tema, bastante semelhante à de Vertumno: trata-se de explicar a origem do epíteto do deus, que é devido aos despojos a ele oferecidos pelos chefes romanos

vencedores em combate singular. O gosto pelo raro e esquecido mesclado a um fino senso de humor, que observamos nas elegias anteriores, alia-se nesta à ironia, quando Propércio chama o pequeno e esquecido santuário de “ara superba Iovis” (v.48).

Exceção da elegia IV,6

O tom da elegia IV,6 é completamente diverso, o que faz dela uma exceção entre as elegias “nacionalistas” do livro IV. Aqui, e só por uma única vez, Propércio ensaia a poesia séria de exaltação nacional, de modo que ela nos faz lembrar as Odes Romanas de Horácio. O tema escolhido é o tema por excelência do nacionalismo romano: trata-se de celebrar o templo de Apolo Palatino, divindade protetora de Augusto, e a vitória de Ácio, momento inaugural do novo regime. Portanto, não é de se estranhar que os elementos típicos da poesia épica se encontrem nessa peça. A elegia se apresenta como uma espécie de revelação (“sacra facit vates”), o poeta canta inspirado pela Musa épica, e, tal como em Homero e Virgílio, a ação é impelida pela intervenção divina: o triunfo de César é obra do Destino. No entanto, cumpre insistir no fato de que esta elegia ocupa um lugar à parte no quarto livro:¹⁰ seu tom sério e grandioso, impregnado de um sentimento reverente pela destinação de Roma e de Augusto contrasta vivamente com o fraco valor patriótico das elegias etiológicas, onde predomina o gosto pelo raro e esquecido, mesclado a um tom pouco sério e freqüentemente jocoso.

Elegias amorosas do livro IV

Vimos que a poesia nacionalista, presente em toda a obra de Propércio, apresenta características peculiares no livro IV, o que faz com que as elegias de inspiração romana desse livro contrastem vivamente com as dos livros anteriores. Tal contraste é ainda mais agudo no caso das elegias amorosas.

10. Esta posição é oposta à de Grimal, que vê esta elegia como a mais característica do livro IV.

Os três primeiros livros narram-nos a estória de uma paixão ardente e sincera de alguém que goza intensamente o amor, mas que também sofre com os seus caprichos. Com efeito, esses 3 primeiros livros tratam quase que exclusivamente do tema do amor, e a paixão consome inteiramente o poeta. Neles, o amor é caracterizado principalmente como sofrimento (I,1; 6; 7; etc.; II,6; 8; etc.), como doença para a qual não há remédio: a pessoa apaixonada é freqüentemente descrita como *amens*, *insanus*, *demens*. Nesse quadro, Cíntia reina soberana, e é o centro de todas as atenções de Propércio: cada gesto, cada palavra sua é motivo de alegria ou de profunda tristeza para o poeta, que se submete totalmente à amada e sofre por ela ser leviana, frívola, cruel, fútil e impiedosa para consigo.

Não encontramos mais nada disso no livro IV. Ao invés de uma poesia profundamente subjetiva e intimista, encontramos aí descrições realistas e até satíricas (IV,5; IV,8); o amor por Cíntia já está morto (IV,7); e, no lugar da paixão ardente e voluptuosa, substitui-se o elogio do amor conjugal e das virtudes da matrona romana.

Podemos dividir as elegias amorosas do livro IV em dois grupos: a) peças de caráter realista, onde as referências à antiga paixão são humorísticas e até mesmo satíricas (IV,5; 7; 8); b) peças de caráter moral, onde são louvados o amor matrimonial e as virtudes da mulher romana (IV,3; 11).

As elegias de Cíntia: IV,7

Cíntia reaparece duas vezes neste livro, mas esta Cíntia não tem nada em comum com a dos livros anteriores.

IV,7 — A elegia IV,7 foi objeto de muita controvérsia por parte dos críticos. A maioria deles a interpretou como um derradeiro retorno da paixão, e a última homenagem que rende o poeta àquela que tanto amou. Uma outra linha de interpretação, inaugurada por G. Krokowski e desenvolvida por G. Guillemin,¹¹ vê,

11. G. GUILLEMIN, *Propertius, de Cynthia aux poèmes romains*, R.F.L. Vol. 26, 1950.

ao contrário, essa elegia como uma peça satírica e humorística: composta quando Cíntia ainda vivia e impregnada de elementos humorísticos, seria destinada a satirizar a figura de Cíntia, que tanto havia feito o poeta sofrer. De qualquer forma, é interessante notar que aqui os personagens trocam de papel. Já não é mais Cíntia que faz o poeta sofrer por sua leviandade, mas é a própria Cíntia quem se queixa do descaso de Propércio quando de seus funerais: o cortejo foi rápido demais, o vaso de vinho ritual não foi quebrado em sua homenagem, Propércio não se portou bem no cortejo, e ela chega a suspeitar de que fora envenenada por Lígdamo. Assim, os papéis estão agora invertidos, e creio que esta peça foi composta com a intenção de se contrapor às elegias amorosas dos livros anteriores, mostrando dessa forma que a paixão do poeta por Cíntia já está totalmente extinta.

IV,8 — Na outra elegia de Cíntia, a verve burlesca e satírica de Propércio se desenvolve livremente, e ele pinta uma caricatura feroz e sarcástica de sua antiga paixão. Enquanto Cíntia se ausenta em Lanúvio e se entrega a outros homens, Propércio vingava-se organizando uma orgia. Quando Cíntia retorna, furiosa, dá-se uma cômica cena de briga: arranhões, gritos, cabelos desalinhados e o quarteirão todo de pé. Afinal, a reconciliação, após as humilhantes condições impostas por Cíntia. Não estaria aqui Propércio fazendo uma caricatura de sua antiga paixão, lembrando-se dos tempos em que, louco por Cíntia, dobrava-se a todas as suas exigências?

Encontramos o mesmo espírito satírico na elegia IV,5, consagrada à alcoviteira Acanthis. Cheio de desprezo, Propércio rememora os pérfidos conselhos que a velha dava a Cíntia, e interpela-a impiedosamente com invectivas furiosas e sarcásticas acusações.

A trilogia satírica

O que têm de comum estas elegias com a ardente inspiração amorosa dos outros livros? Com efeito, julgamos que Propércio aqui ensaia um novo gênero poético: o da poesia realista e satírica romana. Creio que todas essas peças foram compostas para formar um vivo contraste com a poesia intimista e apaixonada dos livros anteriores: o amor por Cíntia está morto, e Propércio mostra-o na elegia IV,7; agora ele pode ver claramente a loucura de

sua antiga paixão, e até mesmo rir-se dela (IV,5 e IV,8). Nesse sentido, adotamos a linha de interpretação dada por G. Guillemin,¹² que vê nessas peças uma trilogia satírica, expressão de uma arte realista e bem romana que se sucede à inspiração amorosa de Propércio.

Amor e a moral

Contudo, a inspiração amorosa não está de todo ausente no livro IV. Mas o amor já não é mais a ardente e cega paixão: trata-se aqui de louvar o amor conjugal e os legítimos sentimentos familiares. Nesse sentido, a poesia amorosa de Propércio adquire acentos morais e ressonâncias políticas — Augusto havia empreendido a reforma dos costumes e a estrita regulamentação dos deveres familiares, contra a crescente licenciosidade da época.

Mesclam-se portanto espírito nacionalista e poesia amorosa: na elegia de Tarpéia, um episódio da história romana oferece ao poeta a oportunidade de pôr em relevo os conflitos de uma ardente paixão; nas elegias de Aretusa e Cornélia, a exaltação do amor conjugal inspira a pregação das virtudes romanas e da moralidade.

IV,3 — A elegia de Aretusa, composta na forma de uma carta de uma jovem romana a seu esposo ausente na guerra, é uma grande exaltação do amor conjugal:

“Omnis amor magnus, sed aperto in coniuge maior:
hanc Venus, ut vivat, ventilat ipsa facem.”

(v. 49-50)

A paixão desenfreada sucede-se o verdadeiro amor, o amor sereno dos esposos; e às cortesãs ou libertinas, substitui-se a digna matrona romana.

IV,11 — A última peça do livro IV é um comovente canto fúnebre da jovem esposa a seu marido. Aí, Cornélia defende sua causa e recorda uma vida honrada e dedicada aos deveres familiares.

12. Cf. p. 188-191. Esta é a única interpretação que encontrei para as elegias IV,5; 7 e 8.

A louca paixão por Cíntia está esquecida; foram-se os tempos em que o poeta aborrecia-se com escrúpulos morais:

“ista senes licet accusent convivia duri,
nos modo propositum, vita, teramus iter.”
(II,20, v.13-14)

Em Cornélia, Propércio celebra todas as virtudes tradicionais da matrona romana: o amor conjugal é maior que a paixão, a fidelidade e a honra são as maiores virtudes, sendo até mesmo recompensados após a morte:

“Moribus et Caelum patruit: sim digna merendo,
cuius honoratis ossa vehantur aquis.”

Assim termina o quarto livro, com a exaltação das virtudes romanas e a glorificação de uma vida honrada e honesta.

CONCLUSÃO — A grande variedade de temas e o tratamento dado por eles faz de cada elegia do livro IV um caso particular de inspiração e de forma, tornando difícil a tarefa de delinear as características gerais desse livro.

As conclusões a que chegamos foram apontadas parcialmente no decorrer da análise e se refletem na estrutura mesma dessa exposição. Vamos aqui recapitular os principais pontos.

A nosso ver, a característica principal do livro IV é a fusão de temas nacionalistas e amorosos, que se reflete por vezes na composição interna da elegia (v.g. IV,4 e IV,11). Essa dualidade de inspiração é anunciada por Propércio já na primeira elegia da coleção, pela contraposição das falas de Propércio e Horos.

Os temas nacionalistas encontram em Propércio uma nova forma de expressão — a poesia etiológica de características alexandrinas, e uma nova fonte de inspiração — as antigüidades romanas (IV,2; 4; 9; 10). Com isso Propércio efetua uma dupla renovação: a poesia etiológica volta-se agora à tradição romana, e o nacionalismo assume um interesse arqueológico e antiquário, desviando-se assim do caráter épico e solene de exaltação das grandezas de Roma que encontramos em Vergílio e Horácio.

A poesia amorosa distingue-se nitidamente da contida nos livros anteriores, e assume dois aspectos nesse livro: uma arte realista e satírica, caracteristicamente romana (IV,5; 7; 8), e a poesia de conotação moral, que exalta as virtudes da mulher romana (IV,3 e IV,11).

Dos arroubos loucos da paixão que encontramos nos primeiros livros, à serenidade do amor conjugal e às elegias etiológicas do livro IV, um longo caminho foi percorrido por Propércio. Na sua obra de maturidade, ele parece ter encontrado sua verdadeira vocação e o ponto alto de sua arte: a extrema originalidade do livro IV, onde a poesia nacionalista-etiológica, a satírica e a amorosa se encontram, torna-o único na história da literatura latina, e distingue Propércio de todos os poetas do período clássico.

WILLIAMS SHI CHENG LI

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

BIBLIOGRAFIA

- BARDON, H. *Les Empereurs et les Lettres Latines d'Auguste à Hadrien*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- BAYET, J. *La Littérature Latine*. Paris, Armand Colin, 1965.
- BOUCHER, J. P. «Propertius et Callimaque», *Revue des Études Latines* 42 (1964).
- . *Études sur Propertius: Problèmes d'inspiration et d'art*. Paris, E. de Boccard, 1980.
- BOYANCÉ, P. Resenha a *Les intentions de Propertius et la Composition du livre IV des Élegies* *Revue des Études Latines* 31 (1953).
- CLARCKE, M. L. *The Roman Mind — Studies in the History of Thought from Cicero to Marcus Aurelius*. Cambridge, Mass., Harvard, 1956.
- GRIMAL, P. *Le siècle d'Auguste*. Paris, PUF, 1955.
- . *Le Lyrisme à Rome*. Paris, PUF, 1968.
- . Notes sur Propertius: La composition de l'épigramme à Vertumne. *Revue des Études Latines*, 23 (1945).
- . *Études sur Propertius: César et la légende de Tarpeia*. *Revue des Études Latines* 29 (1951).
- GUILLEMIN, A. Propertius, de Cynthia aux poèmes romains. *Revue des Études Latines* 28 (1950).
- KIDD, D. A. Propertius consults his astrologer. *Greece & Rome* 26/02 (1979).
- LUCOT, R. Propertiana. *Revue des Études Latines* 47 (1969).
- ROSE, H. J. *A Handbook of Latin Literature*. London, Methuen & Co., 1954.
- RUTLEDGE, H. C. Propertius Tarpeia: the poem itself. *The Classical Journal* 60 (1964).
- WARDEN, J. Epic into elegy: Propertius 4, 9, 70ff. *Hermes* 110 (1982).